

A CAATINGA E A ECO 92⁴

Mais uma vez estamos passivamente observando os processos que nos levarão à amargar o isolamento da vida nacional e continuar sofrendo da doença crônica de falta de recursos para, até mesmo, participar do modismo ecológico de um lado, e por outro dos trabalhos técnicos científicos de preservação da natureza, da “utilização sustentada” da possibilidade do crescimento harmônico do homem, da sociedade com a natureza ou com o ambiente que os cercam e sustentam enquanto em equilíbrio. Estamos falando do burburinho, do “lobby”, do “marketing” que vem antecedendo a ECO 92, lamentando que a Bahia ou o Nordeste como um todo, que nada ou muito pouco esteja fazendo.

Apesar de tantos Órgãos, instituições, IES, Órgãos de classe, Partidos Políticos e Governos, não fomos capazes de organizar nada para defender o nosso semi-árido, a nossa

⁴Lucedino Paixão Ribeiro, Professor Adjunto do Departamento de Geoquímica do IGEO/UFBA.

caatinga. É bem verdade que ela não é o “pulmão do mundo” mais, possivelmente para uns e certamente para mim, ela tem um papel bastante importante no equilíbrio do sistema terrestre como um todo, assim como, o cerrado, os manguezais e as dunas litorâneas do Nordeste brasileiro; mas, como esses, não estão situados no sul maravilha, são esquecidos até mesmo pelos cientistas sérios e realmente preocupados com a preservação do planeta.

Fala-se muito da Amazônia, acredito e acho que com certa razão, mas a ênfase que se vem dando à Mata Atlântica no Rio de Janeiro, é fruto de um trabalho bem feito para trazer prestígio, recursos e poder político para aquele Estado, na medida em que, em relação a outros Estados como Bahia, Espírito Santo, etc, a área coberta por essa percentagem dessa feição vegetal é pequena; embora ainda não nos tenhamos dado conta disso. Será que paramos para pensar que a população que sofre com a seca, com a pobreza, com a fome, com o analfabetismo é bem maior do que a que se situa na Floresta Amazônica ou na Mata Atlântica no Rio de Janeiro? Não pensem que tenho algo contra o Rio de Janeiro e seu patrimônio, não sou tão estúpido a esse ponto, o que se coloca aqui, é a impossibilidade, a incapacidade, a impotência ou a incompetência para virar esse quadro histórico de permitir ou observar as águas vertendo tão somente para os interesses internacionais de um lado e para o sul maravilha do outro, em detrimento das outras vertentes cada vez mais esquecidas e ligadas ao desespero. Qual seria a nossa parcela de culpa no processo? Alguns, irão responder, repetindo o velho e cansado chavão: a culpa é do governo; e quem somos nós? Espero sinceramente que os organizadores do evento obtenham sucesso pelo esforço, vontade e competência com que vêm tratando do assunto, espero também que possamos fazer algo, antes que o sertanejo desista de ser “antes de tudo ser forte”.

A título de lembrança ou para refrescar a nossa memória, pergunto qual o significado real, no equilíbrio do planeta de uma grande extensão de terras no semi-árido, salinizadas e erodidas por ação antrópica. Será que não haveria, como conseqüência, além da miséria da população, uma contribuição para o aumento global da temperatura do planeta ou, no sub-continente americano, com sérias modificações na dinâmica do sistema climático? E as queimadas, os monocultivos, os grandes açudes salinizados que hoje grassam o semi-árido nordestino? Será que a desertificação aqui não provocará um desequilíbrio ambiental a nível de Brasil?

Como Pedólogo, talvez seja ou esteja sendo cuidadoso demais, quando vejo tanto se falar das florestas, dos “verdes” e esquecerem do solo. O solo é a *placenta da terra*, responsável pela sustentação da vida, inclusive por aqueles que vindo do mar, se estabilizaram e evoluíram nas terras emersas do planeta. Infelizmente ainda o encaramos como um grande depósito de lixo, detritos e restos, quando não achamos que ele apenas serve para sujar as nossas mãos e roupas. As perdas por erosão hoje são fabulosas: a degradação por manejos não adequados, uso excessivo de calágens, adubações e biodegradadores é tão grande que hoje em muitos casos não há mais respostas em termos de produtividade. Sem querer, ou talvez querendo, estamos esquecendo que o solo é um corpo vivo e que a tão falada desertificação nada mais é do que a doença do solo ou a sua morte.

E ainda temos que gritar pelos viva natureza, salve o verde, viva a ECO 92.